

A ORGANIZAÇÃO DO ESPERANTO

Geraldo Mattos
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A língua Esperanto festeja este ano o seu centenário, e é tempo de pensar-se esse milagre, que fez de uma língua artificial um meio de expressão, ora natural, de milhares e milhares de homens espalhados pelo mundo.

O artigo seguinte questiona o programa de uma língua internacional e examina a origem e a evolução do Esperanto, agora um instrumento extremamente capaz da mais alta poesia e da mais profunda prosa.

1. Introdução

O Esperanto é o resultado da pesquisa individual de Ludovico Lázaró Zamenhof, que nasceu em 15 de dezembro de 1859 na cidade de Bialistoque, da Província de Grodno, e morreu em Varsóvia em 14 de abril de 1917.

O menino Zamenhof foi levado à idéia de uma língua internacional pelas circunstâncias de vida da sua cidade natal, em que moravam russos e poloneses, alemães e judeus, falando cada povo uma língua diferente e olhando-se reciprocamente com desconfiança e inimizade.

O Esperanto não nasceu acabado na mente de Zamenhof, mas atravessou vários estágios de múltiplas experiências. Dois desses estágios são importantes, porque refletem a evolução do pensamento lingüístico de Zamenhof:

1.1 Pré-Esperanto de 1878

O jovem havia terminado os estudos anteriores à Universidade e, reunido com outros colegas, fez a festa de lançamento da sua *Lingwe Uniwersala*. Conservou-se a primeira estrofe do hino comemorativo:

Malamikete de las nacjes
 Kadó, kadó, jam temp' está.
 La tót' homoze in familje
 Konunigare so debá.¹
 Segue a tradução literal:
 Inimizade de as nações
 Caia, caia, já tempo é.
 A inteira humanidade em (uma) familia
 Reunir se deve.

Essa pequena quadra nos enseja reflexões lingüísticas e sociológicas.

A gramática parcial dessa língua era a seguinte:

1. Os substantivos terminam em -e.
2. Os adjetivos terminam em -a.
3. As vogais finais dos substantivos e dos adjetivos podem ser elididas.
4. O plural é feito pelo acréscimo de -s.
5. As formas verbais são oxítonas, enquanto todas as outras palavras são paroxítonas.

O autor sacrifica a internacionalidade à regularidade, tomando das línguas étnicas apenas o radical das palavras e impondo-lhes uma morfologia inteiramente regular.

Veja-se a análise da palavra **malamikete**:

Mal	— morfema de antônimo.
Amik	— radical (amigo).
Et	— morfema de qualidade (-eza).
E	— morfema de classe de palavra.

O mesmo vale para a palavra **homoze**:

Hom	— radical (homem).
Oz	— morfema de quantidade.
E	— morfema de classe de palavra.

Ou ainda o infinitivo **konunigare**:

Kon	— preposição (com).
Un	— numeral (um).
Ig	— morfema causativo (-ific-).
Are	— morfema de infinitivo.

A segunda observação é de ordem social: para Zamenhof, a língua internacional era apenas o meio de conquistar-se a fraternidade entre os povos.

1 PRIVAT, Edmond. *Historio de la lingvo Esperanto*. Hago. Internacia Esperanto Instituto, 1923. p. 27.

1.2 Pré-Esperanto de 1881

Restam-nos vários excertos, de que cito apenas uma estrofe de uma balada de Heine:

Mo bella princino il sonto vidá
Ko zúoj malseŝaj e palaj,
Sul dillo, sul verda no koe sidá
Il armoj amizaj e kalaj.

Segue a tradução literal:

Eu (uma) bela princesa no sonho via
Com faces úmidas e pálidas,
Sob-a tília, sob-a verde nós juntamente estávamos
Com-os braços amorosos e quentes.

A gramática parcial dessa língua era a seguinte:

1. Os substantivos terminam em -o.
2. Os adjetivos terminam em -a.
3. A vogal final do substantivo podia ser elidida.
4. O plural é feito pelo acréscimo de -j (semivogal).
5. As formas verbais continuam oxítonas, enquanto todas as outras palavras são paroxítonas.

Algumas particularidades abrangem as duas variantes de Pré-Esperanto:

1. A regularidade morfológica é o aspecto mais importante.
2. As palavras são tomadas do latim e das línguas neolatinas, na sua maioria.

3. As letras seguem a tradição germânica:

Letra:	Descrição do fonema:
c	consoante africada surda: /ts/.
j	semivogal anterior: /y/.

4. As palavras são transformadas para conservarem a sílaba tônica da língua de que se originam:

Familje	familia (latim).
Kala	calida (latim).

Outras peculiaridades distinguem as duas variantes:

1. A segunda já tem letras com sinais diacríticos, como o Esperanto.
2. A segunda já apresenta o plural em -j, como o Esperanto.
3. A primeira não tem casos, enquanto a segunda apresenta nominativo e acusativo nos pronomes. O Esperanto entenderá mais tarde esses dois casos aos substantivos e aos adjetivos.

1.3 Esperanto de 1887

A forma atual do Esperanto nasceu em 14 de julho de 1887, com a publicação do primeiro livro:

Dro Esperanto. Internacia Lingvo. Antaŭparolo kaj Plena Lernolibro (por Rusoj). Varsovio: Tipo-Litografejo Ch. Kelter, 1887.

A língua era chamada simplesmente a internacional, mas adotou-se para ela logo nos primeiros anos o pseudônimo que o autor tinha usado para o seu primeiro livro: a língua Esperanto.

Esse pequeno livro, de 40 páginas, seguido no mesmo ano de adaptações em alemão, francês e polonês, serviu para formar os primeiros esperantistas: um prefácio (antaŭparolo), em que o autor discorria sobre suas idéias, um manual (lernolibro), em que aparecia o alfabeto e a gramática da língua, um punhado de traduções e poemas originais e um dicionário com 918 radicais.

MANUAL COMPLETO DA LÍNGUA INTERNACIONAL

A. Alfabeto

Aa (a), Bb (b), Cc (ts), CHch (tch), Ee (ê), Ff (f), Gg (guê), GHgh (dj), Hh (h do alemão) HHhh (ch do alemão), Ii (i), Jj (semivogal y), JHjh (j), Kk (qu), Ll (l), Mm (m), Nn (n), Oo (ô), Pp (p), Rr (vibrante múltipla), Ss (ç), SHsh (ch), Tt (t), Uu (u), UHuh (semivogal w), Vv (v), Zz (z).

B. Partes do discurso

1. Não existe artigo indefinido; existe apenas o artigo definido (la), igual para todos os sexos, casos e números.

2. Os substantivos têm a desinência -o. Para a formação do plural acrescenta-se a desinência -j. Existem apenas dois casos: nominativo e acusativo; o último é feito pelo acréscimo da desinência -n ao nominativo. Os outros casos são expressos com o auxílio de preposições (o genitivo com *de*, o dativo com *al*, o instrumental com *kun*, o ablativo com *per* ou outras preposições conforme o sentido).

3. O adjetivo termina em -a. Casos e números como os do substantivo. O comparativo é feito com a palavra *pli*, o superlativo com *plej*; junto do comparativo usa-se a conjunção *ol*.

4. Os numerais cardinais (não se declinam) são: **unu**, **du**, **tri**, **kvar**, **kvin**, **ses**, **sep**, **ok**, **nau**, **dek**, **cent**, **mil**. As dezenas e as centenas são formadas pela simples junção dos numerais. Para a designação dos numerais ordinais acrescenta-se a desinência do adjetivo; para os multiplicativos — o sufixo **-obl**, para os fracionários — **-on**, para os coletivos — **-op**, para os distributivos a palavra **po**. Além disso, podem ser usados numerais substantivos e adverbiais.

5. Pronomes pessoais: **mi** |eu|, **vi** |você|, **li** |ele|, **shi** |ela|, **ghi** |ele, ela| (para objeto ou animal), **si** |se|, **ni** |nós|, **vi** |vocês|, **ili** |eles, elas|, **oni** |a gente| (plural impessoal); os pronomes possessivos são formados pelo acréscimo da desinência adjetiva. A declinação segue a dos substantivos.

6. O verbo não se flexiona segundo pessoas e números. Formas do verbo: o tempo presente aceita a desinência **-as**; o tempo passado **-is**; o tempo futuro **-os**; o modo condicional **-us**; o modo imperativo **-u**; o modo infinitivo **-i**. Particípios (com sentido adjetivo ou adverbial): ativo presente **-ant**; ativo passado **-int**; ativo futuro **-ont**; passivo presente **-at**; passivo passado **-it**; passivo futuro **-ot**. Todas as formas do passivo são feitas com o auxílio do verbo **esti** |ser, estar| e o particípio passivo do verbo desejado; a preposição do passivo é **de** |por|.

7. Os advérbios terminam em **-e**; graus de comparação como os dos adjetivos.

8. Todas as preposições regem por si mesmas o nominativo.

C. Regras gerais

1. Toda palavra é lida como está escrita.

2. O acento recai sempre sobre a penúltima sílaba.

3. As palavras compostas são formadas pela simples junção de palavras (a palavra principal fica no fim); as desinências gramaticais são consideradas também palavras autônomas.

4. Junto de outra palavra negativa, a palavra **ne** |não| é omitida.

5. Para mostrar direção, as palavras recebem a desinência do acusativo. Para responder à pergunta 'kien' |para onde|, as palavras aceitam a desinência do acusativo **por** exemplo: **tie** |lá|, **tien** |para lá|; **Varsovion** (para Varsóvia).

6. Toda preposição tem um sentido definido e constante; entretanto, se se deve usar uma preposição e o sentido correto não mostra que preposição se deve escolher, então

usa-se a preposição *je*, que não tem sentido independente. *Ghoji je tio* [alegrar-se com isso]; *ridi je tio* [rir disso]; *enuo je la patrujo* [aborrecimento com a pátria], etc. A clareza não sofre com isso, porque em todas as línguas se usa alguma preposição, desde que o costume a tenha sancionado; mas na língua internacional a sanção para todos os casos semelhantes está dada à única preposição *je*). Em lugar da preposição *je* pode-se usar o acusativo sem preposição.

7. As assim chamadas palavras estrangeiras, isto é, aquelas que a maioria das línguas tomaram de outra fonte, usam-se na língua internacional sem mudança, recebendo apenas a ortografia desta; mas, com diferentes palavras de raiz igual, é preferível usar sem mudança apenas a palavra fundamental e formar com ela as restantes segundo as regras da língua.

8. A desinência do substantivo e a do artigo podem ser elididas e substituídas pelo apóstrofo.

Apareceram mais tarde várias gramáticas mais minuciosas, em que se tratam exaustivamente os pontos problemáticos do Esperanto. O autor da língua, entretanto, sempre se esquivou da palavra final sobre esses tópicos duvidosos numa obra coesa de maior fôlego. O mais que se permitiu foram pouco mais de cem respostas a perguntas que lhe foram feitas sucessivamente através de três revistas esperantistas. O seu pensamento aparece já no prefácio do segundo livro (1888):

Mi scias tre bone, ke la verko de unu homo ne povas esti senerara, se tiu homo ech estus la plej genia kaj multe pli instruita ol mi. Tial mi ne donis ankoraŭ al mia lingvo la finan formon; mi ne parolas: "jen la lingvo estas kreita kaj preta, tiel mi volas, tia ghi estu kaj tia ghi restu!" Chio bonigebla estos bonigata per la konsiloj de l'mondo. Mi ne volas esti kreinto de l' lingvo, mi volas nur esti iniciatoro.²

Foi proveitosa a consequência dessa atitude de "não querer ser o criador da língua, mas apenas o seu iniciador": os esperantistas passaram a considerar a língua alguma coisa

2 ZAMENHOF, L.L. *Originala Verkaro*. Org. J. Dietterle. Leipzig, F. Hirt & Sohn, 1929, p. 26. Eu sei muito bem que a obra de um homem não pode estar sem erros, ainda que esse homem fosse o maior gênio e muito mais instruído que eu. Por isso não dei ainda à minha língua a forma final: eu não falo: "eis que a língua está criada e pronta, assim eu quero, tal ela seja e tal ela fique!" Tudo possível de tornar-se bom será tornado bom pelos conselhos do mundo. Eu não quero ser o criador da língua, eu quero ser apenas o iniciador.

inteiramente própria, independente até do seu autor, e zelaram por ela com grande carinho, evitando e condenando qualquer atentado à sua organização interna.

2. Simplicidade da língua

O Esperanto foi concebido para tornar-se a segunda língua do indivíduo e, por isso, foi organizado de modo coerente a fim de se evitarem as comuns irregularidades das línguas naturais: cada regra aprendida tem validade integral e o bom-senso sempre se aplica.

2.1 Fonologia

A fonologia é singela, com base em dois fatores:

a) Existem apenas cinco fonemas vocálicos.

b) O acento intensivo aparece uniformemente sobre a penúltima sílaba.

Ocorrem, entretanto, encontros consonantais numerosos, provindos do fato de que as palavras mantêm a forma que apresenta na língua de que se originam:

Sceptro /sts/ (cetro).

Knabo /kn/ (garoto).

Esses encontros requerem grande treinamento no caso de falantes de línguas com um sistema consonantal diferente.

Existe uma prosódia esperantista, aplicada ao período, mas com a grande diferença de ser ela irrelevante, porque a classe do período é determinada morfemicamente:

Li venis. Ele veio.

Chu li venis? Ele veio?

Existe, portanto, um advérbio interrogativo para formar o período interrogativo total, enquanto o período assertivo se distingue por um morfema vazio, que é a ausência do advérbio interrogativo. Neste caso, todo erro contra a prosódia do período afeta apenas a norma da língua, nunca o seu sistema.

2.2 Morfologia

A excelência do Esperanto se apóia na regularidade de toda a sua morfologia:

a) Cada flexão tem um único morfema.

b) Cada afixo tem apenas uma forma.

c) Todo elemento da palavra é considerado forma livre.

O grande receio de Zamenhof eram os enormes dicionários das línguas naturais, que ele sabia trazerem muita dificuldade para a aprendizagem. Ele mesmo nos conta o achado da solução mediante uma completa formação de palavras, absolutamente regular:

Mi kaptis la ideon pri sufiksoj kaj komencis multe labori en tiu chi direkto. Mi komprenis, kian grandan signifon povas havi por la lingvo konscie kreata la plena uzado de tiu forto, kiu en lingvoj, naturaj efikis nur parte, blinde, neregule kaj neplene.³

A língua natural tem o mesmo processo, mas o aproveita apenas “parcial, cega, irregular e incompletamente”, como observa Zamenhof no texto acima. Basta para comprová-lo, o exemplo da língua portuguesa, se comparada ao Esperanto:

Língua portuguesa:		Esperanto:	
Alegre	alegria	Gaja	gajeco
Beato	beatitude	Beata	beateco
Calvo	calvície	Kalva	kalveco
Certo	certeza	Certa	certeco
Constante	constância	Konstanta	konstanteco
Doce	doçura	Dolcha	dolcheco
Enorme	enormidade	Enorma	enormeco
Negro	negrume	Nigra	nigreco
Tolo	tolice	Stulta	stulteco
Aprender	escola	Lerni	lernejo
Beber	bar	Trinki	trinkejo
Rezar	igreja	Pregĥi	pregĥejo
Barbear	navalha	Razi	razilo
Cortar	faca	Tranchi	tranchilo
Rachar	machado	Haki	hakilo
Árvore	floresta	Arbo	arbaro
Cão	matilha	Hundo	hundaro
Rês	gado	Bruto	brutaro
Dever	obrigar	Devi	devigi
Morrer	matar	Morti	mortigi
Temer	amedrontar	Timi	timigi

3 Citado por WARINGHIEN, Gaston. *Leteroj de L.L.Zamenhof*. Paris, S.A.T., 1948. p. 345. Tomei a idéia dos sufixos e comecei a trabalhar muito nessa direção. Compreendi a grande significação que pode ter para a língua criada conscientemente o pleno emprego dessa força, que em línguas naturais tem uma eficácia apenas parcial, cega, irregular e incompleta.

Pode-se ter a idéia de que tamanha regularidade concorra, de maneira acentuada, para o aumento da monotonia da língua. Ainda que crescesse a monotonia, seria apesar disso mais cômodo usar recursos da própria língua para diminuir o esforço da memorização de extensos vocabulários. Todavia, o recurso não é absoluto, porque o processo depende da palavra que é primitiva:

- a) Existem substantivos abstratos primitivos:
Vero (verdade) vera (verdadeiro)
- b) Existem substantivos locativos primitivos:
Remizo (garagem)
- c) Existem substantivos instrumentais primitivos:
Broso (escova) brosi (escovar)
- d) Existem substantivos coletivos primitivos:
Grego (rebanho)
- e) Existem verbos causativos primitivos:
Voki (chamar, fazer vir)

Por esse motivo, é importante reconhecer sempre a classe da palavra primitiva, porque existem morfemas específicos para gerar o substantivo do adjetivo e o substantivo do verbo, enquanto a simples flexão é suficiente para derivar o adjetivo do substantivo e o verbo do substantivo:

- a) Adjetivo primitivo:
Richa (rico) richeco (riqueza)
- b) Substantivo primitivo:
gloro (glória) glora (glorioso)
- c) Verbo primitivo:
Kombi (pentear) kombilo (pente)
- d) Substantivo primitivo:
Broso (escova) brosi (escovar)

Ficam vedadas por uma restrição de sinonímia as formas construídas a partir da forma já derivada:

Gloreco
Brosilo

Um dos prefixos mais correntes é o morfema de antonímia:

Esperanto:		Língua portuguesa:	
Ghoja	Malghoja	alegre	triste
Longa	Mallonga	longo	curto
Vera	Malvera	verdadeiro	falso

A língua poética sempre considerou esses pares pouco evocativos e vai por isso tentando substituí-los:

Alta	basa
Dolcha	amara
Ghoja	trista
Longa	kurta
Vera	falsa

É grande, entretanto, a resistência dos esperantistas, principalmente os orientais, a esses neologismos, que ficam comumente restritos à língua literária.

2.3 Sintaxe

O fato mais marcante da sintaxe do Esperanto é a existência do acusativo, que tem três grandes ambientes de emprego:

- a) Marca o objeto direto:
La patro amas la filon. O pai ama o filho.
- b) Indica o destino a que se chega:
Mi iras en la urbo. Eu ando na cidade.
Mi iras en la urbon. Eu vou à cidade
- c) Assinala o adjunto adverbial de medida:
Li iras du kilometrojn. Ele anda dois quilômetros.

O acusativo oferece grande dificuldade para qualquer falante de língua que marque o objeto direto pela ordem dos termos da oração, mas tem a nítida vantagem de tornar inteiramente irrelevante a sintaxe de colocação, sumamente diversa de língua para língua.

A regência apresenta poucos problemas, porque a preposição tem um significado extremamente delimitado:

Diri ion al iu.	Dizer algo a alguém.
Peti ion de iu.	Pedir algo a alguém.
Dependi de iu.	Depender de alguém.
Konsenti kun iu.	Concordar com alguém.
Paroli al iu.	Falar a alguém.
Pensi pri iu.	Pensar em alguém.

As interferências são comuns entre os esperantistas inexperientes: *pensi en iu* (interferência brasileira: pensar dentro de alguém), *telefoni kun iu* (interferência alemã: telefonar em companhia de alguém). O correto seria: *pensi pri iu* (pensar a respeito de alguém), *telefoni al iu* (telefonar a alguém).

Se o verbo exigir apenas um complemento e faltar uma preposição específica, bem determinado pelo sentido, o verbo é comumente transitivo direto e pede acusativo:

Aludi iun.	Aludir a alguém.
Koncerni iun.	Concernir a alguém.
Pardoni iun.	Perdoar a alguém.

Havendo um segundo complemento, o duplo acusativo é proibido:

Pardoni ion al iu.	Perdoar algo a alguém.
--------------------	------------------------

Alguns verbos, contudo, repelem o acusativo na norma da língua:

Aparteni al iu.	Pertencer a alguém.
Plachi al iu.	Agradar a alguém.

Os verbos são ou transitivos ou intransitivos, nunca podendo ser empregados ora como transitivos, ora como intransitivos:

Fini	terminar (pôr fim)
Chesi	cessar (ter fim).

A transitividade ou a intransitividade são marcadas morfemicamente. Existe, porém, recurso morfêmico para transitivar o verbo intransitivo e intransitivar o transitivo:

Finighi	terminar-se
Chesigi	fazer cessar.

Diferentemente do latim, o Esperanto coloca o predicativo do objeto sempre no nominativo:

Trovi la vinon bonan.	Encontrar o vinho bom.
Trovi la vinon bona.	Achar bom o vinho.

Essa circunstância permite uma regra semântica para o emprego do acusativo:

Fica no acusativo a segunda locução substantiva que não puder ser trocada por uma locução adjetiva.

A prova é fácil:

Li estas bona.	Ele é bom.
Li estas patro.	Ele é pai.
Mi jughas lin bona.	Eu o julgo bom.
Mi jughas lin patro.	Eu o julgo pai.

Efetivamente, nunca aparece no acusativo a locução substantiva que se troca por adjetiva.

3. Lógica da língua

A profunda diferença entre as línguas étnicas e o Esperanto transparece do fato de que a norma das primeiras é

obrigatória e soberana, enquanto para o esperantista soberano e obrigatório é apenas o sistema da língua, conforme o pensamento de Zamenhof:

En lingvo artefarita chiu havas la rajton uzi formon pli logikan, kvankam menuu ghis nun ghin uzis, kaj li povas esti konvinkita, ke se lia formo estas efektive bona, ghi baldau trovos multajn imitantojn kaj iom post iom elpushos la malpli logikan, kvankam ghis nun pli uzatan formon malnovan.⁴

Apesar disso, à medida que cresça o número dos esperantistas, mais e mais potente há de tornar-se a sua norma. Já no seu tempo, Zamenhof reconhecia a força da norma literária:

Ne sole en naturaj lingvoj, sed ankau en lingvo artefarita chio, kio estas uzata de la plimulto de bonaj verkistoj, devas esti rigardata kiel bona, se ghi ech ne estas absolute logika.⁵

A lógica de uma língua é a coerência do seu sistema, cercada pelos impositivos da sua norma. Se alguém quiser obedecer unicamente à lógica, dois perigos o espreitam:

a) O sistema da sua própria língua nativa lhe parece lógico, porque cada um raciocina em termos dessa língua. Efetivamente, o sistema da língua é lógico, porque as irregularidades pertencem à norma. A criança percebe mais cedo a coerência do sistema que a excepcionalidade da norma, mas o esforço dos pais a leva irresistivelmente para os trilhos da norma. A norma do Esperanto é muito mais regular que a de qualquer outra língua, ainda que tenha principalmente muitas restrições que o sistema não acolhe. Em vista disso, mistura-se freqüentemente a norma esperantista com a da língua nativa.

4 ZAMENHOF, L.L. *Lingvaj respondoj*. Paris, Hachette, 1912. p. 7. Numa língua artificial todos têm o direito de usar a forma mais lógica, embora ninguém a tenha usado até então, e pode estar convencido de que se a sua forma é efetivamente boa, ela logo achará muitos imitadores e pouco a pouco eliminará a forma antiga menos lógica, embora até então mais usada.

5 ZAMENHOF, *Lingvaj respondoj*, p. 7. Não apenas em línguas naturais, mas também numa língua artificial, tudo que é usado pela maioria dos bons escritores deve ser olhado como bom, ainda que não seja absolutamente lógico.

Segundo Golden, alguns esperantistas húngaros trocam a regência transitiva direta de certos verbos pela indireta, levados pela regência do verbo nativo correspondente:⁶

Ni adiauas de eminenta homo.
O sistema esperantista pede:
Ni adiauas eminentan homon.

O mesmo erro, ainda mais agravado, aparece na boca de alguns brasileiros:

Ni adiauas nin de eminenta homo.
A interferência é clara:
Nós nos despedimos de (uma) pessoa eminente.

b) O sistema é apenas o esqueleto da língua, porque apresenta somente as linhas fundamentais de suas possibilidades. Se alguém se guiar estritamente pela lógica, certamente não incide em erro nenhum, mas se afasta de todos os outros falantes.

A norma do Esperanto restringe uma série de possibilidades do sistema:

1. O sujeito do infinitivo.

A norma esperantista requer, que o sujeito do infinitivo venha sempre inexpresso.

Diz-se:

Ne estas akvo por la popolo.
Ne estas akvo por trinki.
Ne estas akvo por la popolo por trinki.
Não se deve dizer:

Ne estas akvo por la popolo trinki.
Entretanto, a língua portuguesa o permite:
Não existe água para o povo beber.

Faltaria lógica à língua portuguesa pelo fato de permitir dizê-lo?

2. O sujeito do gerúndio.

O gerúndio da norma esperantista apresenta inexpresso o sujeito, que deve ser idêntico ao do verbo finito:

Trovinte pomon, mi ghin manghis.⁷

O sujeito do gerúndio e o do verbo finito são idênticos:
Tendo eu achado uma maçã, eu a comi.

6 GOLDEN, Bernard. Kontribuajo al la dialektologio de Esperanto: la estigo de "hungarsperanto". In: AKADEMLIAJ studoj. Balleboro. R. Eicholz, 1985. p. 41.

7 ZAMENHOF, L.L. Fundamento de Esperanto. 9. eid. Ed. A.Albault. Marmande, Esperantaj Francaj Eldonoj, 1963. p. 52.

É curioso que Zamenhof tenha entrevisto a existência do sistema e da norma, porque ele assim se expressa a respeito do ablativo absoluto (gerúndio com sujeito próprio):

Ablativo absoluta estas speciala formo, uzata nur en kelkaj tre malmutaj lingvoj; en Esperanto ghi ne ekzistas. Kvankam ghi nenie estis rekte malpermesita, tamen ghia uzado estus kontrau la spirito de nia lingvo.⁸

E acrescenta um exemplo da forma condenada:

Chiu el ili eldirante sian opinion, li povu fari decidon.

O gerúndio com sujeito expresso deve ser trocado por período subordinado. O próprio Zamenhof aduz a forma correta:

Kiam chiu el ili eldiros sian opinion, li povu fari decidon.

As palavras de Zamenhof são claras: o espírito da língua é a sua norma, enquanto o sistema é o ponto em que se encontram as proibições radicais.

3. O infinitivo preposicionado.

A norma do Esperanto permite algumas preposições diante do infinitivo:

Li venis por refari la laboro.

O infinitivo poderia ser trocado por substantivo:

Li venis por la refaro de la laboro.

Obedecendo, todavia, ao espírito da língua e, portanto, à sua norma, Zamenhof desaconselha estender esse emprego a outras preposições:

Li faris chion sen ridi.

Recomenda no caso o uso do substantivo:

Li faris chion sen rido.⁹

Compreende-se, no entanto, que se trata de uma restrição da norma, porque o caso é inteiramente análogo ao primeiro citado.

4. O acusativo com forma verbal.

Nada existe no sistema da língua que vede o uso do acusativo regido por substantivo ou adjetivo e, por isso, experimentou-o Zamenhof:

⁸ ZAMENHOF, *Lingvaj respondoj*, p. 13. O ablativo absoluto é uma forma especial, usada só em algumas poucas línguas; em Esperanto, ele não existe. Embora em nenhum lugar ele esteja diretamente proibido, seu uso, porém, seria contra o espírito de nossa língua.

⁹ ZAMENHOF, *Lingvaj respondoj*, p. 15.

Tre grava estas diligenta uzado ghin en korespondado.¹⁰
A norma recomenda outra solução, mediante o possessivo:

Tre grava estas ghia diligenta uzado en korespondado.

4. O acusativo absoluto.

A norma permite, mas restringe severamente o emprego do acusativo absoluto, porque o libera apenas quando seguido de complemento de direção:

Renversu chion la supron malsupren.¹¹

Sem o acusativo absoluto, apareceria uma preposição:

Renversu chion kun la supro malsupren.

O sistema certamente não limita essa possibilidade e permitiria, portanto, o que é impedido pela norma:

Kun la domo konstruita, li spiris libere.

La domon konstruitan, li spiris libere.

Muitos outros exemplos existem da potência limitadora da norma esperantista: em nenhum desses casos pode-se apelar para a lógica, porque se trata apenas do costume linguístico.

A falência da lógica evidencia-se flagrantemente no problema do emprego dos participios passivos.

A forma ativa evita as dificuldades:

Mi fermis la pordon. Eu fechei a porta.

A forma passiva postula o emprego de um participio passivo, mas existem três participios passivos:

a) Participio presente passivo:

Fermata que se fecha.

b) Participio passado passivo:

Fermita que se fechou: fechado.

c) Participio futuro passivo:

Fermota que se fechará.

Alguns esperantistas fazem o passivo da oração anterior com o participio presente passivo:

La pordo estis fermata de mi.

Outros o fazem com o participio passado passivo:

La pordo estis fermita de mi.

Para cada um deles, a outra forma tem outro sentido, tornando sério o problema do passivo, porque envolve significados diferentes para a mesma oração passiva.

10 ZAMENHOF, *Originala Verkaro*, p. 39.

11 ZAMENHOF, L.L. *La rabisto!*; de Schiller. Paris, Esperantista Centra Librejo, 1928, p. 130.

Os primeiros foram chamados *atistas*, porque fazem o perfeito passivo com a forma *estis -ata*, enquanto os segundos são denominados *itistas*, porque fazem o perfeito passivo com a expressão *estis -ita*.

Apenas uma dessas escolas está correta, mas qual? Ambas afirmam que o seu procedimento é lógico, em ambas existem excelentes esperantistas, prosadores e poetas, ambas possuem defensores apaixonados.

A resposta depende de um rigoroso exame do sistema do Esperanto sob a condição de o lingüista libertar-se da lógica da língua nativa: nada de bom advém de compararmos o Esperanto a outra língua, porque cada uma delas tem uma estrutura própria e um sistema próprio e os acontecimentos não são transmitidos na sua essência factual, mas sob o ponto de vista de cada língua.

4. Naturalidade da língua

Quando se fala sobre o Esperanto entre os lingüistas, é muito comum a crença de que se trata de uma língua artificial, sem vida própria e sem recursos maiores de expressão, mais uma fórmula algébrica que uma língua verdadeira.

Também alguns esperantistas insistem sempre no caráter artificial da língua, distinguindo-a claramente das línguas naturais. Assim pensa, entre outros, Sulco, que afirma:

Ivo Lapenna, en sia artikolo, citas “saghe konkludajn vortoĵon” de Geraldo Mattos el ties artikolo, kiu aperis en la Akademiaj Studoj 1985. Tiun citaĵon mi volonte subskribus. Nur estas apenau science nomi Esperanton “natura” lingvo. Nomi ĝin tia havas la fatalan konsekvencon, ke la diferenco inter bazaj lingvoj kaj planitaj lingvoj forvishiĝas, ke oni, kiel en la etnaj lingvoj, ankau en Esperanto rigardas la respektive aktualan lingvouzon kiel leghdona.¹²

O Esperanto foi uma língua artificial na sua origem, mas deve ser agora encarado como uma língua natural de um povo numa diáspora em escala mundial.

¹² SULCO, Rikardo. *Kritika noto*. Minden, Autor, 1985. p.1. Ivo Lapenna, em seu artigo, cita “palavras sensatamente conclusivas” de Geraldo Mattos do artigo deste, aparecido em *Akademiaj Sudoj* de 1985. Essa citação de boa vontade eu assinaria. Contudo, dificilmente é científico chamar ao Esperanti língua “natural”. Chamá-la assim teria a consequência fatal de que a diferença entre línguas básicas e línguas planejadas desapareceria e a gente, como nas línguas étnicas, também em Esperanto, olharia como legislativo o respectivo uso atual.

Comprova esse fato a própria naturalidade da sua norma moderna: sem nenhuma explicação lógica, a sua norma acolhe determinadas formas lingüísticas e repele outras. A mesma regularidade do Esperanto não é prova de artificialidade, porque existem línguas sumamente regulares.

Ainda que poucos, já existem falantes nativos do Esperanto, filhos de pais que falam Esperanto em casa por pertencerem a povos que manejam línguas diversas: pensam e falam apenas em Esperanto, que lhes serve excelentemente para a vida psíquica e social. O comportamento verbal desses indivíduos em nada se distingue do de outros que se expressam por línguas ditas naturais.

O Esperanto é uma língua extremamente poética e permite toda a suavidade de qualquer língua natural, como se observa neste soneto de Mattos:

Jen mia amo estas klara strato,
soleca de deziroj kaj piedoj,
sed larghe sieghita per arbedoj
kun bonodor' de rozo kaj granato!

Kaj chiam estas horo de sabato,
libera de ordonoj kaj procedoj,
kaj tute mankas spaco por oscedoj
pro varmaj nestoj en eterna svato!

La firmamento estas tre proksima,
kaj surprizitaj steloj dum la tago
ektremas pro la suno nekutima. . .

La tutan scenon gapas nuboflago,
dum ekdescendas paco anonima,
kaj kovras min kaj shin la tempovago! . . .¹³

Assim, mantendo embora a regularidade da sua origem artificial, o Esperanto tornou-se uma língua natural.

13 MATTOS, Geraldo. *La libro de Nejma*. Chapecó, Fento, 1985. p. 66. *Eis que o meu amor é uma rua clara / solitária de desejos e de pés / mas largamente assediada de arbustos / com o perfume de rosa e romã. / E sempre é hora de sábado / livre de ordens e procedimentos / e falta por completo o espaço para bocejos / pelos quentes ninhos numa eterna alcovitece. / O firmamento está muito próximo / e surpreendidas as estrelas durante o dia / estremecem pelo sol não costumeiro... / A bandeira de uma nuvem admira toda a cena / enquanto começa a descer uma paz anônima / e cobre a mim e a ela o vagar do tempo.*

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 GOLDEN, Bernard. Kontribuaĵo al la dialektologio de Esperanto: la estigo de "hungarsperanto". In: *AKADEMIAJ Studoj*. Ballieboro, R. Eichholz, 1985. p. 40-4.
- 2 MATTOS, Geraldo. *La libro de Nejma*. Chapecó, Fonto, 1985.
- 3 PRIVAT, Edmond. *Historio de la lingvo Esperanto*. Hago, Internacia Esperanto-Instituto, 1923.
- 4 SULCO, Rikardo. *Kritika noto*. Minden, Autor, 1985.
- 5 WARINGHIEN, gaston. *Leteroj de L. L. Zamenhof*. Paris, S. A. T., 1948.
- 6 ZAMENHOF, L.L. *Fundamento de Esperanto*. 9. eld. Ed. A. Albault. Marmande, Esperantaj Francaj Eldonoj, 1963.
- 7 ———. *Lingvaj respondoj*. Paris, Hachette, 1912.
- 8 ———. *Originala Verkaro*. Org. J. Dietterle. Leipzig, F. Hirt & Sohn, 1929.
- 9 ———. *La rabistoj*, de Schiller. Paris, Esperantista Centra Librejo, 1928.